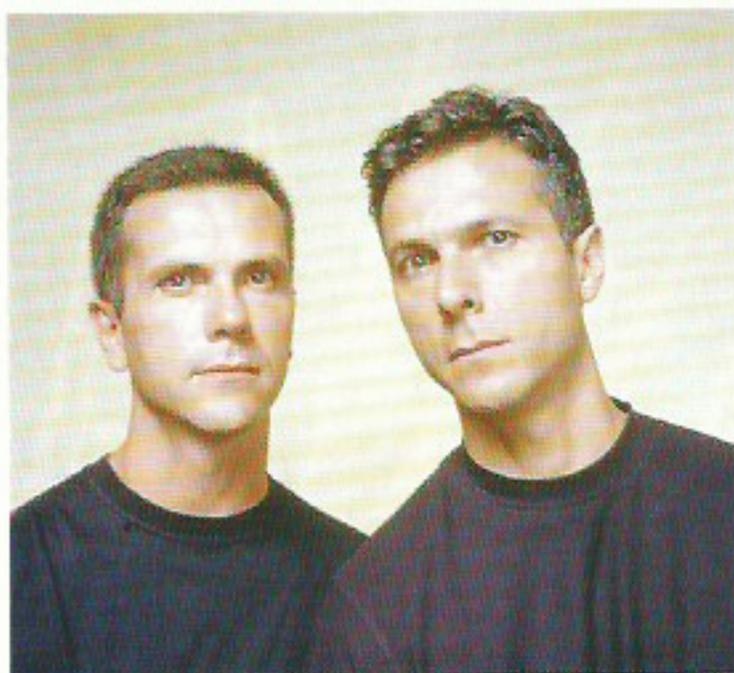


IRMÃOS CAMPANA



brasileiros e universais

FERNANDO E HUMBERTO CAMPANA AFIRMAM A VITALIDADE DO DESIGN BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO E SURPREENDEM O MUNDO COM SUAS CRIAÇÕES

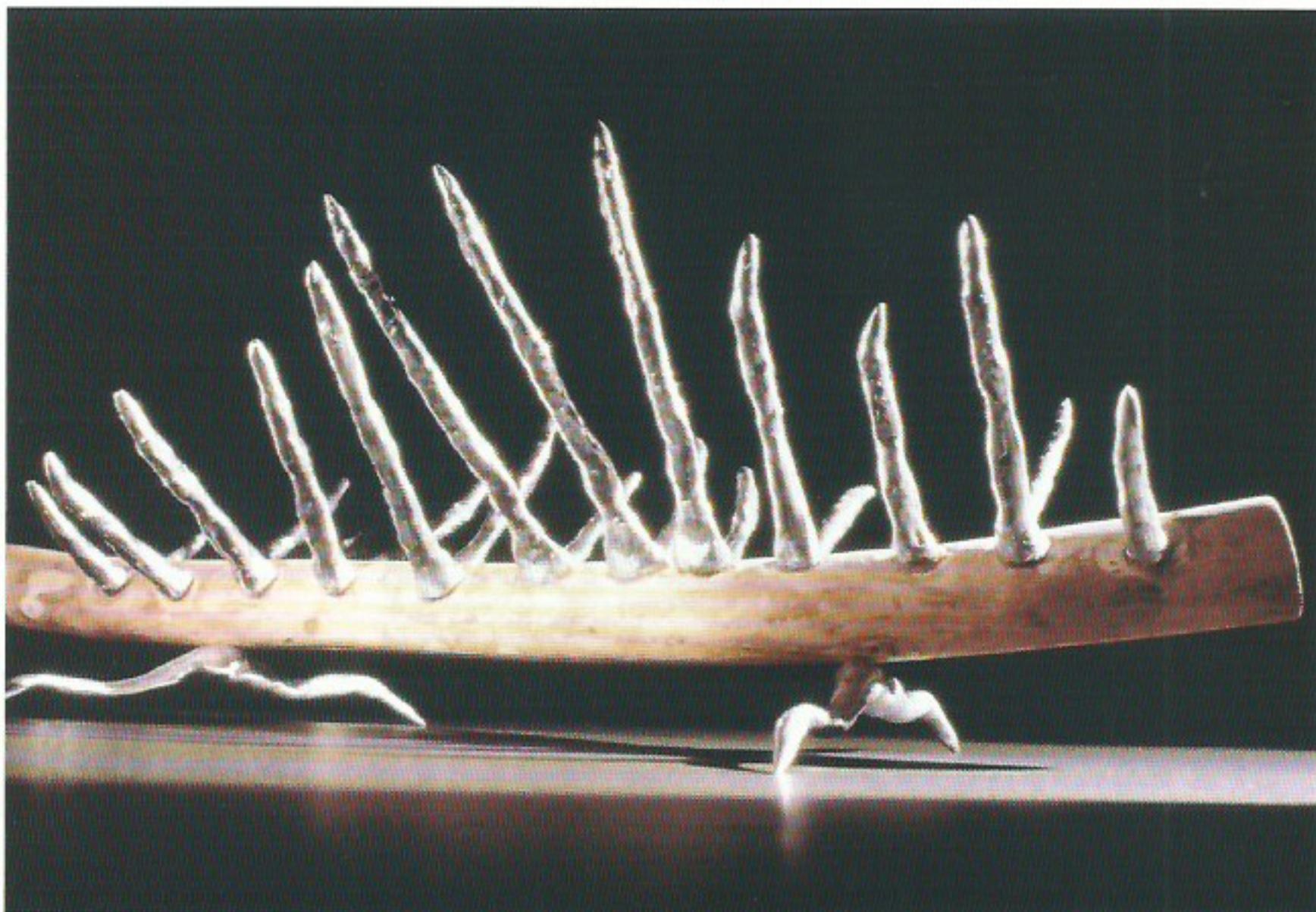
POR/By: ADÉLIA BORGES
FOTOS/PHOTOS: ANDRÉS OTERO

No último Salão do Móvel de Milão, a mais disputada vitrine do design ocidental contemporâneo, eles brilharam com poltronas feitas de cordões coloridos, que caíram imediatamente no gosto do público e da crítica. Num livro editado este ano em Nova York com uma rigorosa seleção de 50 mesas produzidas no mundo todo, um modelo de sua autoria teve o privilégio de ser escolhido para a capa. E no ano passado, ninguém menos que o enfant terrible do design, Philippe Starck, selecionou-os para a exposição Design para o Futuro, num museu da Alemanha.

É, não resta dúvida, Fernando e Humberto Campana são hoje o mais badalado fenômeno do design brasileiro de equipamentos para o habitat. Esta é uma área, a bem dizer, em que o Brasil não tinha muita fama. Eles estão despontando no cenário internacional com um brilho raro. Nem de

longe tentam imitar ou se inspirar no que é feito lá fora. Ao contrário, apostam numa criação própria, que obedece mais às suas inquietações interiores do que às leis de mercado. O que surpreende é a incrível capacidade de transformar matérias-primas desprestigiadas em sedutores objetos, móveis e luminárias.

Os irmãos Campana começaram, em 1989, com uma série de cadeiras e mesas em ferro, escolhido por ser um material mutável, no qual o tempo vai deixando suas marcas de vida, como a ferrugem. Passaram para o alumínio fundido, em que os erros da fundição são vistos como elementos de valor, no sentido de acrescentar textura à peça. Aos poucos, foram descobrindo os arames de alumínio, o barbante de algodão, as ripas de madeira. "Usamos materiais que estejam ao nosso alcance, tomando partido justamente de sua imperfeição", diz



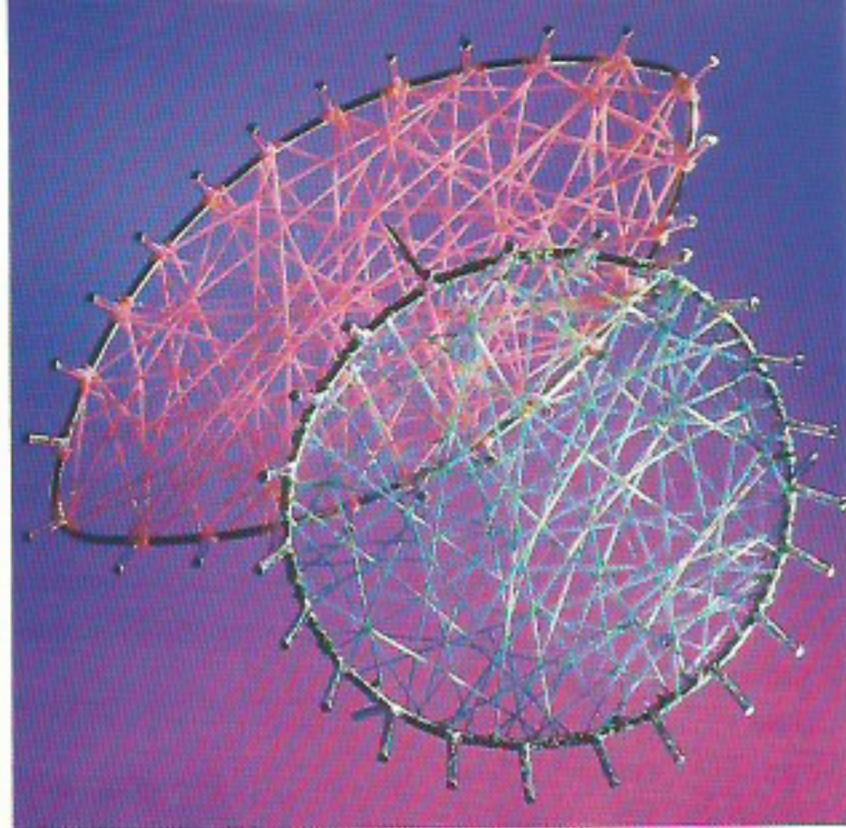
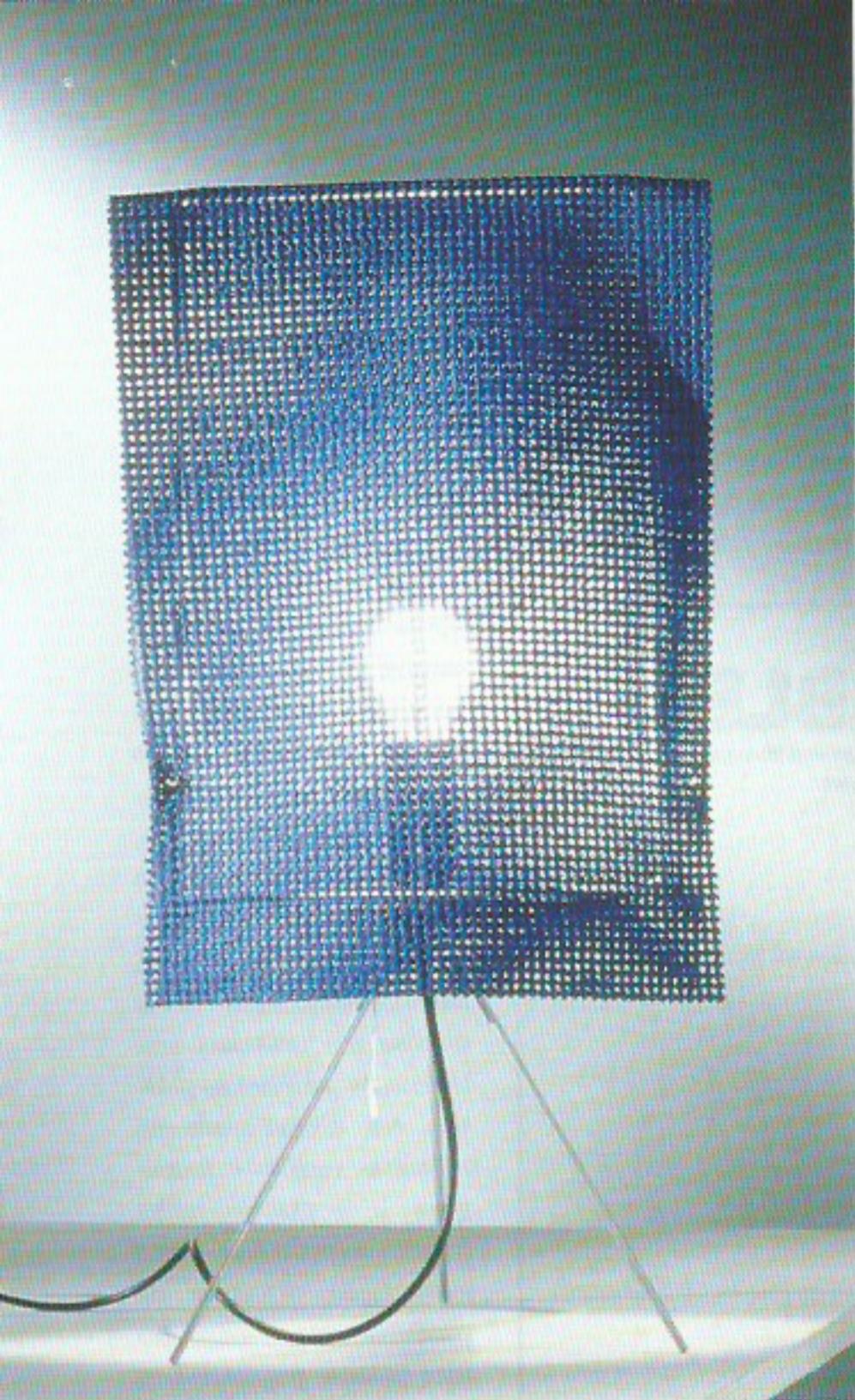
"Brutos" e ousados, os objetos criados pelos Campana a princípio chocam, mas depois de um tempo de absorção caem no gosto do usuário
"Rough" and bold, the objects created by the Campana brothers are shocking, at first, but then begin to be popular with users

Fernando Campana, explicando uma inusitada mesa de durepóxi ou um sofá de papelão ondulado. "A indústria brasileira quer o tiro certo na produção e está aquém das exigências do mercado internacional. Não posso pensar num produto que utilize fibra de carbono ou que tenha aquela coisa limpa e perfeita do design italiano. Por mais que eu me esforce, nunca vou conseguir fazer, porque não temos as mesmas condições – de mercado, de produção, de comercialização."

"Aqui no Brasil tem muito erro de acabamento, de execução, por causa da pressa da produção. Temos que fazer um projeto que permita tirar um bom partido do erro. O povo brasileiro desenvolve um elenco de idéias, de formas, a partir da pobreza. O cara da favela faz a sua casa com uma assemblage de vários materiais", explica Fernando. Humberto acrescenta: "Fazer com todas as limitações, essa é a nossa busca. Trazer da matéria-prima mais esquecida algo novo, dar-lhe uma nova função, é algo que o povo brasileiro sempre fez e nós também estamos fazendo. É importante usar esse material banal sem esconder a sua origem, mas, ao contrário, valorizando-a."

A escolha de matérias-primas e de processos construtivos "brasileiros" aconteceu como decorrência do exercício da intuição, não como resultado de uma postura ideológica. Aliando essa atitude ao refinamento de projeto e ao frescor de pensamento, eles chegaram a um produto universal que tem a peculiaridade brasileira – e que, por isso mesmo, tem atraído tanto a atenção internacional.

Desde o início, o trabalho dos dois teve uma enorme repercussão na mídia especializada, com páginas em revistas como *Interni*, *Casa Vogue* e *Abitare* (Itália), *Metropolis* (EUA), *Architecture d'Aujourd'hui* (França), *Form* (Alemanha), *Architecti* (Portugal) e *Design Journal* (Coreia). Em texto publicado em 1994 na respeitada revista italiana *Domus*, o crítico Marco Romanelli fez uma síntese da apreciação internacional, chamando os "fratelli Campana" de "extraordinários designers-artesãos, capazes de revelar a qualidade poética contida nos materiais, até os mais prosaicos; de conjugar industrialização e manualidade; capazes de falar, no mundo, uma linguagem projetual realmente brasileira".



A luminária e a poltrona são exportadas da Itália para o mundo; a fruteira de fios de plástico tem produção artesanal no Brasil
Light fixtures and armchairs are exported from Italy; the fruit stand made of plastic string is manually produced in Brazil

A realização de uma exposição individual do trabalho da dupla em 1996, em Milão, junto com a mostra coletiva Brasil Faz Design, potencializou essa repercussão, provocando uma verdadeira reação em cadeia. Pra começar, peças de sua autoria foram incluídas no *Design Year Book 1997*, livro que apresenta uma seleção de peças internacionais de bom design, escolhidas a cada ano por um convidado especial. Naquele ano, o encarregado era o francês Philippe Starck, que depois voltaria a selecioná-los para participar da exposição *Design mit Zukunft* (Design para o Futuro), realizada em junho de 1997 no Focke-Museum, em Bremen, Alemanha.

Ainda em 1997, foram selecionados para a participação no livro *50 Chairs, Innovations in Design and Materials*, também uma seleção internacional. O crítico Mel Byars, radicado em Nova York, escolheu uma cadeira de cada designer, e concedeu o privilégio da exceção de mais de um modelo apenas a eles, a Philippe Starck e ao italiano Alberto

Meda. Em seu livro seguinte – *50 Tables, Innovations in Design and Materials* –, Byars publicou uma mesa inflável dos Campana na capa da publicação, escolhida por ser "barata, divertida e surpreendentemente funcional".

Essa repercussão na mídia acabou trazendo em seu bojo o interesse de industriais estrangeiros pelas idéias de Fernando e Humberto, motivando o convite da empresa italiana O Luce para produzir lá a luminária Estela. Por ser ilustrativo das situações brasileira e italiana no design, o caso merece ser contado em detalhes. O olhar mágico dos Campana percebeu numa tela de borracha com PVC usada normalmente como forro antiderrapante de tapetes um ótimo material difusor de luz. Com ela, criaram uma luminária que passaram a produzir com métodos artesanais e a distribuir diretamente aos lojistas, fazendo algum sucesso apesar do preço final relativamente salgado (cerca de 400 dólares a unidade). Os italianos gostaram do design. Não encontraram

lá uma tela de borracha igual à daqui, imperfeita e rústica, e por isso decidiram importar a tela. Investiram na produção de alta qualidade, em detalhes como a embalagem do produto (vendido desmontado, dentro de uma valise) e numa campanha publicitária para o caprichado lançamento no Salão de Milão em 1997. Mesmo com todos esses investimentos, o preço final do produto caiu à metade – hoje ele é vendido a 200 dólares, até no Brasil, onde chega, importado e aperfeiçoado, num longo caminho de volta à origem. Moral da história: inventividade e criatividade nós temos; o que nos falta é capacidade de produzir e vender direito.

Colorida, com um ar jovem, a luminária agradou em cheio ao mercado europeu, e está vendendo às centenas, medida com a qual os designers nunca haviam sonhado. Agora, outra linha de sua autoria começou a ser vendida na Itália, desta vez pela empresa Edra Mazzei, com cadeiras e poltronas de fios trançados de algodão. Lançadas no último Salão do Móvel, em abril, motivaram inúmeras reportagens e tiveram imediato sucesso de vendas – logo mais poderão ser vistas, por exemplo, no lobby de um hotel nova-iorquino.

Como se vê, para quem começou há menos de dez anos, Fernando e Humberto Campana estão indo longe, bem longe. Analisando a linha do tempo de sua produção, percebe-se também que eles não pararam de evoluir e foram ganhando maturidade no correr do caminho. A série de cadeiras e mesas de ferro com que estrearam em 1989 eram pesadas, difíceis de mudar de lugar, e, apesar de fazer bem aos olhos pelo choque do novo, decididamente não faziam bem ao corpo, justificando plenamente o nome da exposição em que foram apresentadas – Desconfortáveis.

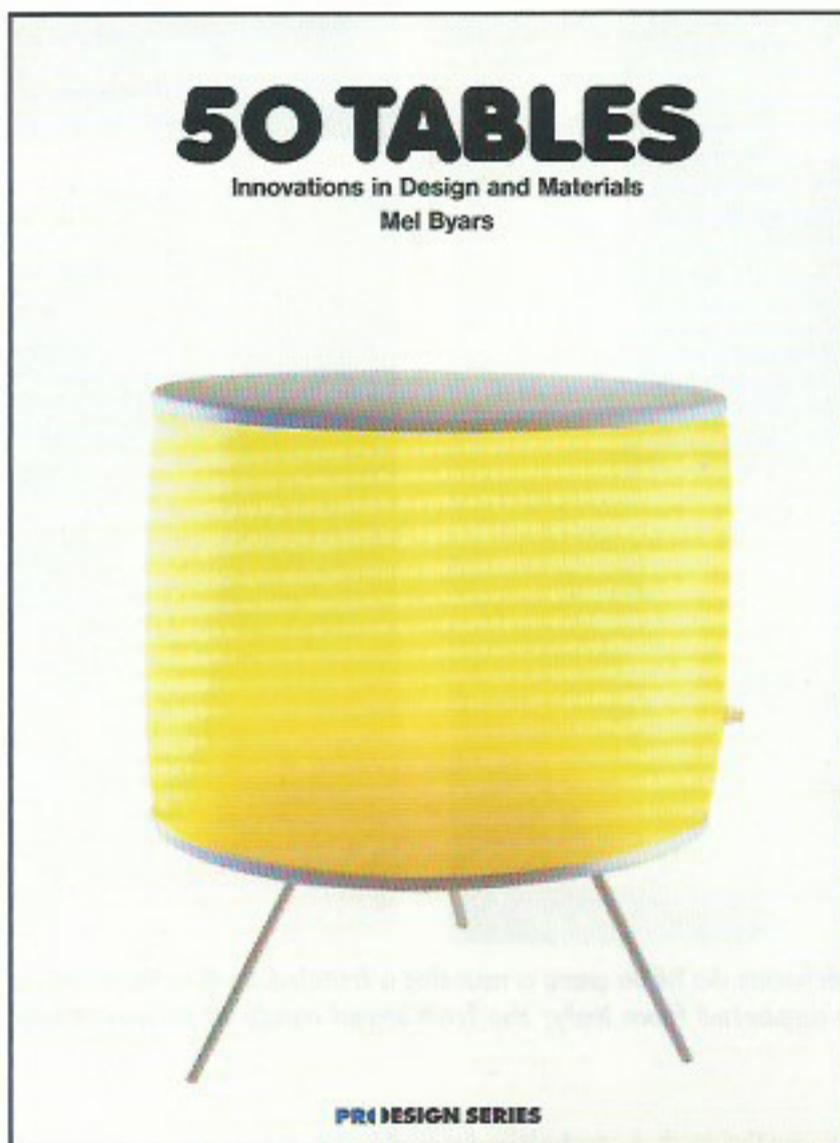
Foi uma postura adequada para uma época em que o design brasileiro estava inteiramente dominado pelos preceitos do funcionalismo – com sua famosa máxima de "a forma segue a função". Assim, a mostra sacudiu um terreno dominado por

certezas e mesmices. Mas, nesse embate, eles ficavam mais próximos da fronteira da arte do que da fronteira do design. Com o tempo, começaram a se preocupar cada vez mais com a funcionalidade, sem abrir mão do que chamam de "poesia de projeto". E da produção em escala artesanal, uma a uma, passaram a se interessar pela reprodução em série, de maneira que seus produtos fiquem mais baratos e cheguem ao maior número de pessoas, aproximando-se, assim, da idéia original do design.

Eles continuam pesquisando novos materiais, e surpreendendo. Quando se imaginava que seguiriam usando metais como os do início da carreira, lá vinham com os materiais naturais, como o bambu, o vime e o papel artesanal reciclado. Na seqüência, outra guinada, desta vez em direção aos materiais sintéticos, do poliéster ao plástico, este último usado em inúmeras versões e roupagens – o plástico-bolha (usado normalmente como embalagem protetora de produtos), os espaguetes (das cadeiras populares), os tubos de PVC flexíveis, as chapas de policarbonato. Continuam, ainda, deslocando materiais "pobres" para funções nobres. A mesa inflável publicada na capa do livro *50 Tables*, por exemplo, usa formas de

pizza em sua superfície: o diâmetro da mesa é o mesmo de uma pizza grande, recurso que permite reduzir o custo.

"Nós somos de um país novo, temos a liberdade e a possibilidade de criar nossa própria linguagem", diz Fernando. Mutantes, sem medo de misturar chiclete com banana, eles seguem inovando e driblando as dificuldades do país pelo ato de transformar justamente essas dificuldades em diferencial positivo. ☺



A mesa inflável foi escolhida para a capa de um livro internacional
The inflatable table on the cover of an international book

Peças de Fernando e Humberto Campana são encontradas no Brasil nas seguintes lojas: Firma Casa e Benedixt (São Paulo), Interni (Rio de Janeiro), Arte Banho (Salvador) e rede Tok & Stok (várias cidades).

Adélia Borges, jornalista, é curadora de exposições de design.